



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

BEATRIZ MICOLE QUISSANGA

**ALEMBAMENTO: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO SOBRE AS MUDANÇAS
DA TRADIÇÃO ENTRE MIGRANTES ANGOLANOS NO BRASIL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

BEATRIZ MICOLE QUISSANGA

**ALEMBAMENTO: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO SOBRE AS MUDANÇAS
DA TRADIÇÃO ENTRE MIGRANTES ANGOLANOS NO BRASIL**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

BEATRIZ MICOLE QUISSANGA

**ALEMBAMENTO: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO SOBRE AS MUDANÇAS
DA TRADIÇÃO ENTRE MIGRANTES ANGOLANOS NO BRASIL**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Humanidades.

Aprovado em: 21/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros (Orientadora)

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

Prof.^a Dr.^a Maria Andréa dos Santos Soares

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	6
2.1	GERAL	6
2.2	ESPECÍFICOS	7
3	JUSTIFICATIVA	7
4	REFERENCIAL TEÓRICO	8
5	METODOLOGIA	12
6	CRONOGRAMA	13
	REFERÊNCIAS	14

1 INTRODUÇÃO

Este projeto surge da necessidade de investigar a relevância social do alembamento para a sociedade angolana no contexto atual. O interesse por esse tema foi motivado pela observação de que muitos angolanos, ao emigrarem, abandonam seus hábitos culturais, o que levanta questões sobre o impacto da modernidade e da emigração sobre práticas tradicionais. A pesquisa propõe a análise das transformações socioculturais e das influências que impactam essas práticas, buscando compreender como os angolanos emigrados percebem o alembamento fora de seu contexto cultural de origem e as razões que levam ao abandono ou ressignificação do alembamento na Diáspora.

A investigação proposta buscará responder à seguinte questão: “Como o alembamento é praticado e ressignificado por migrantes angolanos no Brasil?”

O termo "alembamento" é um neologismo criado pelos angolanos para preencher uma lacuna na língua portuguesa, referindo-se ao *ovilombo*, que em umbundu significa "pedido de casamento". O termo deriva do verbo *okulomba* (pedir), embora haja quem aponte sua origem no verbo *okulemba* (alegrar para consolar). Por isso, a palavra pode aparecer tanto como "alembamento" quanto "alambamento".

O alembamento ainda mantém grande relevância na sociedade angolana, sendo um dos rituais mais importantes para as famílias. Ele consiste em pedir formalmente a mão da namorada aos familiares — como pais, tios e tias — com a presença obrigatória do tio materno, cuja autorização é indispensável. Após esse pedido inicial, aguarda-se a resposta por carta e a definição da data do ritual, juntamente com a lista dos itens exigidos como dote. Esses elementos têm um significado cultural profundo, pois honram os ancestrais e familiares da noiva. Entre os itens tradicionalmente solicitados estão: envelope com dinheiro (valor variável por família); caixas de refrigerante (pedido baseado na altura da noiva); vinho e joias; boi ou cabrito; panos de tecido e, em alguns casos, eletrodomésticos.

Esta tradição vai além de uma simples troca de presentes: ele representa a união entre duas famílias. No caso de o noivo não realizar o alembamento e ainda assim engravidar a noiva, ele pode ser penalizado com uma multa, definida pelos tios da noiva, a ser paga em dinheiro ou por meio de outros bens.

Como angolana, durante a minha graduação questionei por que alguns colegas veteranos não realizavam o alembamento com suas companheiras, mesmo que,

segundo a filosofia angolana, um homem não deva coabitar com uma mulher sem antes formalizar esse rito. A relevância da pesquisa reside em sua contribuição para a compreensão dos desafios enfrentados por tradições culturais africanas no contexto da emigração e da modernidade.

Além de simbolizar uma união familiar, o alembamento é parte integrante do direito consuetudinário angolano, que compreende um conjunto de tradições obrigatórias para a comunidade. Esse sistema contribui para a coesão social, fortalecendo o grupo diante de adversidades e inimigos. No contexto do sistema jurídico africano, o costume funciona como uma segunda fonte de direito, com influência tanto no Direito de Família quanto no Direito Penal. O artigo 7º da Constituição da República de Angola reconhece a validade jurídica do direito costumeiro, consolidando o alembamento como uma prática social legítima.

Em muitas famílias, o casamento tradicional realizado por meio do alembamento é suficiente para constituir uma união, precedendo ou até substituindo o casamento civil. Com o tempo, no entanto, o alembamento deixou de ser visto como o único rito legítimo para a formação de uma família. Atualmente, é comum que se exija também o casamento religioso e o civil para validar a união. A influência do colonialismo português, a governança do Estado, as dinâmicas migratórias, a modernização e a globalização têm contribuído para a transformação e, em alguns casos, para a desvalorização desse rito.

A abordagem metodológica desta pesquisa será qualitativa, um estudo que combinará pesquisa bibliográfica com entrevistas em profundidade e observação participante, realizadas com angolanos residentes no Brasil. O processo de geração dos dados buscará identificar como essas práticas e percepções foram modificadas ao longo do tempo e em diferentes contextos. A análise será orientada por conceito interdisciplinar, em diálogo com estudos sobre identidade cultural e diáspora.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Investigar como o alembamento é compreendido e praticado por angolanos que vivem fora de Angola.

2.2 ESPECÍFICOS

- Identificar os fatores que influenciam o abandono parcial ou total do alambamento entre angolanos na Bahia;
- Analisar as percepções dos angolanos emigrados em relação ao alambamento, considerando o impacto das transformações socioculturais e econômicas;
- Investigar a relevância e o papel do alambamento na preservação da identidade cultural da comunidade imigrante angolana na Bahia.

3 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa é motivada pela necessidade de entender como a prática do alambamento, um dos mais significativos rituais tradicionais angolanos, tem se transformado na diáspora, especialmente no contexto dos angolanos que vivem no Brasil. Como um casamento tradicional que simboliza não apenas a união de duas pessoas, mas o vínculo entre famílias e a continuidade dos valores ancestrais, o alambamento traz consigo profundas implicações culturais e espirituais. No entanto, a modernidade e a ocidentalização têm imposto pressões sobre essa prática, levando a uma possível diluição ou abandono dos seus elementos centrais.

Na Diáspora, particularmente entre os angolanos no Brasil, as influências do cristianismo e do casamento civil, bem como os desafios socioeconômicos e culturais, tendem a deslocar ou modificar essa tradição. Esse fenômeno reflete dinâmicas mais amplas de aculturação e perda de identidade que afetam não só as comunidades angolanas, mas imigrantes de diversas origens. Como apontam autores como Stuart Hall (1992), a identidade cultural nas diásporas é sempre um processo de negociação entre a manutenção de tradições e a adaptação a novas realidades.

A pesquisa sobre a transformação do alambamento permitirá compreender melhor os impactos da modernidade na manutenção de práticas culturais na diáspora, e como estas se ajustam ou desaparecem diante das demandas do contexto migratório. Além disso, estudiosos como Paul Gilroy (1993) discutem a importância de se preservar práticas culturais na diáspora como forma de resistência à hegemonia

cultural ocidental, argumentando que essas práticas desempenham um papel crucial na constituição de uma identidade coletiva.

A transformação ou perda do alambamento pode, assim, ser vista como parte de um processo de aculturação que afeta a estrutura familiar e os valores comunitários, fragilizando os laços que conectam os angolanos à sua terra de origem. Por meio dessa pesquisa, pretende-se preencher lacunas na literatura sobre as práticas culturais angolanas na diáspora e oferecer um olhar crítico sobre como a modernidade, em suas várias dimensões, está remodelando as identidades culturais e os processos de socialização dos angolanos no Brasil. Ao investigar o alambamento na diáspora, este estudo contribuirá para a preservação e valorização da cultura angolana, fornecendo subsídios importantes para futuras gerações e para a própria comunidade angolana que busca manter suas tradições vivas em contextos distantes de seu território original.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O termo "alambamento" tem suas raízes na língua umbundu, falada em Angola. Segundo Mbambi (2007), deriva de "ovilombo", que significa "pedido de casamento". O termo também está relacionado ao verbo "okulomba" (pedir), embora alguns filólogos associam sua etimologia ao verbo "okulemba" (alegrar para consolar). Essa etimologia reflete o significado simbólico da prática, frequentemente realizada antes do casamento civil: além de formalizar a união matrimonial, é uma ocasião de consolo para a família da noiva, que, ao vê-la partir, recebe presentes em retribuição.

O alambamento é mais significativo que o casamento civil em muitas regiões de Angola (Domingos, 2020), pois une não apenas o casal, mas também duas famílias. Esse rito envolve uma série de etapas, incluindo negociações de bens e presentes que a família do noivo oferece à família da noiva (Santos, 2017). A cerimônia é iniciada quando o noivo pede formalmente a mão da mulher aos pais e tios dela. A confirmação do pedido requer a autorização do tio materno, cuja presença é indispensável para a validação do alambamento.

A cerimônia do alambamento ocorre por etapas: a primeira é o momento em que o namorado (noivo) pede a mão da mulher aos pais e tios da mesma. Em seguida, é elaborada uma carta com o pedido de alguns elementos, como objetos, alimentos e

dinheiro, para que o noivo a apresente na data combinada pelos familiares. Tal pedido de casamento deve ser feito apenas pelo tio materno, pois este tem um papel fundamental para que o casamento se concretize.

Barroso e Cunha (s.d.) destacam que o alambamento valoriza tanto a mulher quanto sua família, perpetuando costumes ancestrais e fortalecendo laços comunitários. Além de consolidar a identidade cultural, a cerimônia transmite valores éticos às novas gerações, funcionando como uma forma de resistência à hegemonia cultural ocidental (Morgado, 2023). A cerimônia assume um caráter educativo, pois os valores e os costumes angolanos são transmitidos às gerações mais jovens, preservando e perpetuando uma linhagem cultural num contexto global que, frequentemente, marginaliza essas tradições. No entanto, a modernidade e a globalização ameaçam a continuidade desses costumes, gerando uma "anomia cultural" (Barros, 2024), provocada pelo desconhecimento da relevância do alambamento por parte dos jovens é caracterizada pela perda de valores que afeta especialmente os jovens.

Essa discussão sobre a perda de valores tradicionais e a resistência cultural remete ao conceito de anomia, introduzido por Émile Durkheim em sua obra "O suicídio: estudo de Sociologia", publicado em 1897. Para Durkheim, a anomia surge quando as normas sociais que regulam o comportamento humano entram em colapso, levando ao isolamento e à desintegração social. No caso de Angola, Barros (Op. cit.) sugere que o alambamento tem sido instrumental em prevenir essa desintegração ao sustentar as estruturas familiares e sociais, mas que, com o avanço da modernidade e o influxo de valores ocidentais, a prática corre o risco de ser banalizada. O reconhecimento da legitimidade jurídica dos costumes, conforme estabelecido na Constituição angolana (Camala, 2023), é um esforço para manter essas práticas vivas, mas isso, por si só, pode não ser suficiente para frear a crescente desvalorização cultural entre as novas gerações.

A globalização e o colonialismo português introduziram transformações profundas na prática do alambamento. Desde o século XV, com a chegada dos europeus à costa africana, a cultura e as tradições locais foram distorcidas e, muitas vezes, desvalorizadas. Fanon (1963) argumenta que a colonização não apenas oprimiu os povos africanos, como também reconfigurou e desfigurou suas tradições, impondo a visão ocidental como norma. A Antropologia, ao longo de sua história,

também contribuiu para essa desvalorização ao classificar práticas africanas como "primitivas" e "bizarros rituais de casamento" (Quijila; Jacobe, 2024).

No Brasil, onde há um dos maiores contingentes de africanos fora do continente, o alambamento é ressignificado como forma de resistência e preservação cultural. Malomalo e Vargem (2015) observam que a imigração envolve um choque cultural, levando os africanos a adaptarem suas tradições ao contexto local. O alambamento, nesse cenário, pode se tornar tanto um símbolo de resistência, permitindo que os emigrados mantenham vínculos com sua identidade cultural, mesmo fora do território angolano, como a transformação identitária em contextos diaspóricos, onde os indivíduos precisam negociar suas tradições com as realidades culturais de suas novas comunidades.

Ao tratar do alambamento, além de abordar o fluxo migratório de angolanos para fora do país, o que tem causado grande impacto para a ressignificação da cultura angolana, também devemos considerar o conceito de família para os africanos dessa região do continente. Para Yoba (2028), a organização familiar em África se manifesta na família alargada. Os parentes beneficiam-se dos apoios de uns e de outros com um profundo sentido de cooperação. Um determinado sujeito pode assumir a responsabilidade na educação de um filho do irmão, primo, tio e até mesmo vizinho em circunstâncias iguais aos seus filhos. Esta postura é mais vivenciada em África, resistindo inclusive à escassez de meios de sobrevivência. Neste contexto, o alambamento reflete a visão africana de família alargada, em que parentes e vizinhos compartilham responsabilidades e cooperação mútua. Essa estrutura social resiste, mesmo em contextos de escassez de recursos. O alambamento, portanto, não é apenas um rito de passagem, mas um elo essencial para a continuidade da cooperação familiar e da identidade coletiva.

Segundo Malomalo e Vargem (2015), para entender a imigração africana contemporânea, seria preciso analisá-la a partir dos contatos ocorridos entre africanos e europeus anteriores aos séculos XX e XXI. Um dos movimentos que explicariam a história dos africanos e dos seus descendentes é a presença de agentes estrangeiros europeus nas costas africanas no século XV. O Império e a Igreja colonial são duas instituições europeias que desempenharam um papel importante na fabricação da ideologia que moldou as ações dos portugueses, britânicos, franceses, holandeses e espanhóis nos seus contatos com os africanos nesse período histórico. Este processo

histórico vivenciado por africanos levou a uma mudança significativa em sua identidade cultural, no modo de considerar seus hábitos e costumes.

Com a modernidade, a prática do alambamento passou por mudanças significativas. Em vez de ser conduzida por líderes comunitários, hoje as negociações são feitas pelos pais e tios da noiva, com a inclusão de dotes que, em alguns casos, são vistos como uma mercantilização da mulher (Quijila; Jacobe, 2024). Novas práticas culturais provocam mudanças na identidade, considerada não de modo fixo, estático, mas como um processo, como algo que muda no decorrer do tempo (Hall, 2006). Nestas sociedades, antigas práticas culturais assumem novas formas. É importante considerar como as influências europeias desconfiguram o real sentido dos dotes do alambamento angolano. Diante disso, atualmente já não se considera o alambamento como um casamento tradicional por si só, por conta da supervalorização do casamento conservatório e religioso ocidental. Quijila e Jacobe (2024). Por uma espécie de lógica pervertida, o colonialismo distorce, desfigura e destrói passado do povo oprimido (Fanon, 1963).

Um ponto relevante diante desta pesquisa é evidenciar que o alambamento não apenas é considerado como um rito que une duas famílias. Desde a infiltração dos europeus para África, muitos interpretam o alambamento como uma mercantilização das mulheres, em que estas são vistas como mercadorias, não como uma “pérola” que foi achada, que o homem precisa trabalhar para poder pagar o dote e ser considerado um homem de honra para casar com essa mulher.

A colonização europeia, por intermédio da religião e do capitalismo, trouxe mudanças significativas nas instituições do alambamento. Para Mudimbe (2019), os missionários desempenhavam uma função no processo de destruição e apagamento das culturas africanas em nome do Papa Alexandre VI (1493) cumpriam a ordem de acabar com o paganismo e estabelecer a fé cristã, com essa instrução os padres tinham o poder de acabar com toda espiritualidade africana.

Não podemos abordar a história da emigração dos africanos, sem trazer um ponto relevante: a sexta região da África e Diáspora¹. O processo de imigração forçada de africanos para o Brasil resultou no maior contingente de africanos da

¹ Segundo a União Africana, além da África Meridional, da África Ocidental, da África Setentrional, da África Oriental e da África Central, o continente africano possui uma 6ª região, a Diáspora, que é o conjunto de [...] pessoas de origem africana que vivem fora do continente, independentemente da sua cidadania e nacionalidade e que estão dispostas a contribuir para o desenvolvimento do continente e a construção da União Africana. (UNIÃO AFRICANA, doc. www)

Diáspora negra no planeta. Oriundos da África Ocidental, em sua maioria os centro-africanos foram oriundos de Loango e Angola, berços de grandes culturas: congo, umbundo e ovimbundo, que exerceram grande influência na cultura afro-brasileira e nas religiões de matrizes africanas (Heywood, 2017). A prática do alembamento tem um significado antropológico não apenas para os africanos como para os afrodiaspóricos, pois é um ato de resistência. Os africanos não só resistem por meio das religiões de matrizes africanas, como por meio das línguas africanas e também de hábitos e costumes.

5 METODOLOGIA

A pesquisa será desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, que é apropriada para a compreensão profunda das experiências humanas, especialmente em contextos sociais e culturais complexos. De acordo com Denzin e Lincoln (2005), a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo, consistindo em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo em representações — por meio de notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais, permitindo que os fenômenos sociais sejam compreendidos a partir da vivência dos sujeitos.

Serão utilizadas técnicas como entrevistas e estudo bibliográfico (artigos, trabalhos acadêmicos, monografias, dissertações e teses). Essa metodologia permitirá captar as dinâmicas culturais e econômicas vivenciadas pelos angolanos no município de São Francisco do Conde (BA), articulando suas perspectivas à realidade local. A abordagem qualitativa é particularmente eficaz nas ciências humanas, pois valoriza as múltiplas interpretações dos sujeitos e suas práticas cotidianas.

São Francisco do Conde foi selecionado como campo de estudo devido à facilidade de acesso e por ser a primeira experiência da pesquisadora com a diáspora angolana. A alta concentração de angolanos no município despertou o interesse em explorar a prática do alembamento na Diáspora.

Serão conduzidas entrevistas com angolanos que já realizaram o alembamento no Brasil para compreender os meios utilizados, incluindo práticas online, e como essas adaptações dialogam com a tradição original. Além disso, a pesquisa

REFERÊNCIAS

- BARROS, Daniel Hebo. Relevância social do alembamento na cultura Ambundu em Malanje. **Revista Temas Sociais**, v. 6, p. 115-139, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.60543/ts_iss.vi6.9403.
- CAMALA, Evaristo Cassoma. **Criação de um centro de formação de divulgação do alembamento no município da Caála**. Caála, 2023.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Manual Sage de pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- DOMINGOS, Gilson Armindo. **O pedido (alambamento): a perda do seu valor simbólico em Luanda, Angola**. Redenção-CE, 2016.
- DOMINGOS, Gilson Armindo. **O alambamento entre Kibalas Ambundu em Angola: suas transformações socioculturais e econômicas diante da sociedade contemporânea**. Fortaleza, 2020.
- FANON, Frantz. On national culture. *In*: FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Londres: Paladin, 1963.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, v. 1, p. 21-35, 2006 [1992].
- HEYWOOD, Linda M. **Diáspora negra no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MARTINS, Antunes Rodrigues; TAVARES, Pessoa. Singularidade museológica de uma tábua com esculturas em diálogo: alambamento ao casamento em Cabinda (Angola). **Anais do Museu Paulista**, Nova Série, v. 25, n. 2, p. 83-115, maio/ago. 2017.
- MBAMBI, Moises. **O alembamento nos Direitos Humanos**. Lubango: Rádio Nacional de Angola. [s.d.]. Disponível em: <http://www.fd.ulisboa.pt/wpcontent/uploads/2014/12/Moises-Mbambi-O-ALAMBAMENTO-NOS-DIREITOSAFRICANOS.pdf>.
- MORGADO, Olga Cidália. **Proposta de soluções para amenizar as dificuldades recorrentes no alembamento nos dias de hoje no município da Caála**. Caála, 2023. p. 19-33.
- MUDIMBE, V. Y. **A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- QUIJILA, Abel Calombo; JACOBÉ, Mateus. Alembamento e o lobolo: ritos de casamento Mbundu (Angola) e Ndau (Moçambique), convergências e a resistência face à mercantilização capitalista e religiosa europeia. **Intellectus**, v. 23, n. 1, p. 143-162, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/intellectus.2024.80758>.

RAÚL, Tomás Mira Jamba. **Importância do alambamento no casamento tradicional**. Lubango, Angola, 2022.

TOMALETA, Kiame Leonel Nkanga. O alambamento e a relevância jurídica do casamento em Angola. **Lubango**, outubro, 2020. Disponível em: www.julaw.co.ao. Acesso em: 31 out. 2024.

VARGEM, Alex; MALOMALO, Bas'Illele. A imigração africana contemporânea para o Brasil: entre a violência e o desrespeito aos direitos humanos. *In*: MALOMALO, Bas'Illele; BADI, Mbuyi Kabunda; FONSECA, Dagoberto José. **Diáspora africana e a imigração da era da globalização**: experiências de refúgio, estudo, trabalho. Curitiba: CRV, 2015. p. 107-123.

Yوبا, Carlos P. Cláver. Participação da família e da escola na educação dos jovens. **Construção Psicopedagógica**, v. 26, n. 27, São Paulo, 2018. versão impressa ISSN 1415-6954; versão on-line ISSN 2175-3474. Disponível em: <https://miguilim.ibict.br/handle/miguilim/4911>.